

DOSSIÊ HONG KONG NAS RUAS: China x EUA – a Guerra Fria do século XXI

No cumprimento das promessas eleitorais de Trump e com seu slogan **America First**, o seguinte poderia ser sucintamente apontado: ele tem levado os Estados Unidos para fora. do Acordo Climático de Paris e do PPT; reduziu os impostos para a “classe média” e para os empresários, favorecendo estes últimos; estabeleceu barreiras mais drásticas à entrada de migrantes, violando os direitos humanos ao separar os pais de seus filhos; reconheceu Jerusalém como a capital de Israel; fortaleceu suas relações com Putin e ao mesmo tempo se distanciou de seus aliados tradicionais na União Européia; tem denegrido e enfraquecido a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e começou o caminho tendente à proteção da indústria nacional com a elevação das tarifas sobre os produtos chineses e de outros países; resta-lhe finalmente construir definitivamente o prometido Muro na fronteira com o México com o objetivo de impedir a imigração dos países centro-americanos. Recentemente, Trump toma medidas tarifárias contra o México em retaliação às autoridades mexicanas que permitem o livre trânsito de imigrantes. Todas essas políticas desafiam a ordem internacional, baseadas em regras e introduzem medidas protecionistas de grande calibre econômico.

AGORA SIM: A “GUERRA COMERCIAL” EM MARCHA

A nível global, a agenda internacional tem sido tensa pelas medidas da administração Trump sobre a questão das tarifas sobre os produtos chineses em particular, mas também sobre os produtos europeus e produtos de outros países do chamado primeiro mundo no que tem sido chamado de “guerra comercial”. Nesse sentido, Trump, fiel à sua política protecionista, intensificou sua ofensiva tarifária contra as principais

potências exportadoras.

A 9 de Julho do ano passado, Angela Merkel e Li Keqiang, Primeiro-Ministro da China, assinaram em Berlim 22 acordos que reforçam as relações políticas e comerciais. Ao mesmo tempo, declararam que a Alemanha e a China são regidas pelas regras da Organização Mundial do Comércio (OMC), reconhecendo o multilateralismo como uma forma de abordar as relações comerciais (www.dw.com de 9 de julho de 2018). Em sua coluna: Chile e a guerra comercial, (www.emol.com, 18 de julho de 2018), o economista Osvaldo Rosales aponta o seguinte: “A guerra comercial de Trump começou. Não é só contra a China. Afecta a UE, os seus parceiros da NAFTA, a Índia, a Rússia e todos eles responderam com medidas de retaliação. No curto prazo, isso subtrairá meio ponto do crescimento da economia mundial e um pouco mais do comércio internacional”... “O cenário de médio prazo é mais preocupante. Trump postula um unilateralismo do século XVI, quando o poder econômico estava associado ao superávit comercial. Uma visão não contraditória com a denominação de “guerra comercial”, é a analisada por Alexis Guardia em www.elmostrador.cl, 4 de agosto de 2018, em seu artigo: “Uma batalha tecnológica por trás de uma guerra comercial”, na qual ele explicita “...parece que o conflito entre os Estados Unidos e a China não está centrado exclusivamente no comércio mas na ameaça que a China demonstra sobre a dominação tecnológica americana: isto aparece muito claro na recente declaração do representante do comércio americano (R.I.). Lihhththizer) quando afirma: “Precisamos tomar medidas defensivas fortes para proteger a liderança americana em tecnologia e inovação contra a ameaça sem precedentes representada pelo roubo de nossa propriedade intelectual pela China, a transferência forçada. Guardia finalmente aponta que: “Do ponto de vista econômico, a administração Trump tem mostrado sinais claros de bloqueio de investimentos por parte de empresas chinesas, particularmente em empresas americanas relacionadas a novos setores tecnológicos de robótica ou inteligência artificial, mesmo

citando razões de segurança típicas da Guerra Fria". Os efeitos colaterais dessa "guerra comercial", que para alguns analistas é a maior guerra comercial da história, aconteceram em julho de 2018 com o cargueiro norte-americano que transportava soja no valor de US\$ 20 milhões e que passou um mês navegando sem rumo no Oceano Pacífico.

Centros e institutos de investigação e análise da situação internacional, como o Instituto Internacional de Estudos sobre a Paz (SIPRI) e o Fundo Monetário Internacional (FMI), concluíram que as exportações da China para os Estados Unidos da América têm um impacto positivo na economia mundial. (2017) são da ordem dos 506 bilhões de dólares, enquanto as exportações dos EUA para a China ascendem a 130 bilhões de dólares.

A desconfiança mútua está aumentando. A administração de Trump chamou o país asiático de "rival estratégico" em uma de suas últimas avaliações de segurança nacional. Aprovou legislação para vetar investimentos chineses no setor de tecnologia e intensificou seus gestos com Taiwan, que a China considera parte de seu território. Na última Assembleia Geral das Nações Unidas, uma assembleia anual que reúne as mais altas autoridades do mundo, a representação chinesa liderada pelo chanceler Wang Yi, que critica abertamente as medidas unilaterais dos EUA, expressando seu apoio a organizações multilaterais como a Organização Mundial do Comércio (OMC). Em seu discurso de mais de 20 minutos, Wang se referiu à China como "defensora do multilateralismo, e que a China sempre defendeu a ordem internacional" (ver: www.emol.cl, sábado 29 de setembro de 2018: "China e Rússia denunciam o protecionismo de Trump como "chantagem" política", página A6). Em seu artigo "Guerra comercial entre os EUA e a China: o que está acontecendo", Fernando Estensoro Saavedra, diretor do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de Santiago, afirma: "Trump dreams of return to that golden era of the first 30 post-World War II years. Por esta razão, ele

desencadeou uma política protecionista que ameaça diretamente a própria ordem econômica neoliberal global, desenhada com esforço e paciência por seus antecessores. No entanto, esse passado glorioso não voltará. A ordem mundial está mudando inelutavelmente, marcada pelo declínio estrutural do poder econômico americano” (ver: www.lemondediplomatique.cl, agosto 2018, p. 9).

AS SOLUÇÕES PARA O CONFLITO ENTRE EUA E CHINA NÃO PROSPERAM

Os esforços para mitigar a “guerra comercial” iniciada pelos EUA contra a República Popular da China não produziram os resultados esperados. Houve numerosas reuniões entre altas autoridades de ambos os países com o objetivo de neutralizar elementos cruciais deste conflito “explosivo”. Neste momento, as conversações estão num impasse. A mídia e a imprensa internacional se concentraram nas sanções econômicas impostas pelos EUA aos produtos chineses, no aumento das tarifas e nos boicotes às exportações chinesas no mercado interno dos EUA e na pressão do governo dos EUA para que os países europeus e latino-americanos se distanciem da China econômica, comercial e tecnologicamente.

No entanto, na opinião de especialistas, o cerne da controvérsia iniciada pelos EUA contra a China reside no que poderia ser chamado de “guerra tecnológica”, não apenas comercial. Com efeito, num artigo muito esclarecedor de Manuel Castells, intitulado “A Revolução 5G” (ver: www.lavanguardia.es, 30/03/2019), este, relativo à apresentação do novo modelo Huawei Mate X da principal empresa tecnológica chinesa, privada e não estatal, salienta que este “desencadeou uma reacção violenta do governo dos EUA contra a participação da Huawei na concepção e construção da rede”. E acontece que, na opinião da maioria dos especialistas, a Huawei possui a mais avançada tecnologia de design e fabricação do mundo em redes de comunicação 5G. Especificamente, com este novo modelo chinês, é uma profunda transformação tecnológica com importantes consequências

empresariais, sociais e geopolíticas, uma vez que, como argumenta Castells, “a construção e gestão da rede 5G (s) torna-se um campo essencial na luta por poder e dinheiro, porque vivemos na era do capitalismo de dados e dados servir quando eles podem ser processados e conectados.

Nesse cenário, e como apontam analistas e especialistas em política internacional: “À medida que o poder econômico e político da China aumenta, o medo dos Estados Unidos de perder sua liderança mundial se intensifica. Mas as medidas geopolíticas e econômicas que aplica para o evitar são ineficazes e podem prejudicar profundamente os interesses e o bem-estar dos seus próprios cidadãos” (ver: www.eldiplo.org edição 238/Abril 2019, p.16).

CHINA-EUA. AMÉRICA LATINA E CARIBE

Sucintamente, os países da ALC não podem ficar à margem do conflito sino-americano. As tensões na economia internacional entre estes dois gigantes planetários afetam e afetarão, se esta controvérsia não for resolvida, o desenvolvimento econômico e o crescimento das nações deste continente. Historicamente, tal como nas últimas décadas, os Estados Unidos e a China têm uma influência importante na região. A China aumentou consideravelmente a sua influência nos países da América do Sul, Argentina, Brasil, Uruguai e Chile, para citar alguns.

No caso do Chile, o país não estará imune aos efeitos do confronto entre estas duas grandes potências comerciais. O Chile, um país com uma das economias mais abertas do mundo, com 26 Acordos Comerciais com 64 mercados, representando 64,2% da população mundial e 85,3% do PIB mundial, será seriamente afetado pelo aumento do protecionismo. Em 2018, as exportações chilenas para a China superaram 30%, enquanto para os EUA chegaram a 17%. A China é de longe o maior parceiro comercial do Chile. Para o Chile, o melhor cenário – nesta guerra comercial – “é aquele em que o comércio e o investimento

respondem a um conjunto de regras acordadas multilateralmente”. Assim, “a deterioração do multilateralismo e a politização do comércio e do investimento, em conexão com as disputas EUA-China, ameaçam trazer a guerra fria do século 21 para nossa região”. A América Latina não deve permitir isso” (ver: www.emol.com América Latina e a Nova Guerra Fria, 11 de abril de 2019, p.A2).

Original: [The Economist Journal](#)